

SINDICATO DE TRABALHADORES EM EMPRESAS FERROVIÁRIAS DE BAURU, MATO GROSSO DO SUL E MATO GROSSO FILIADO A CUT-FITF-CNTTL

CAMPANHA SALARIAL 2018

Hora de união e mobilização

Foi realizada hoje (25/01) em Bauru a primeira reunião referente às negociações do Acordo Coletivo para o ano de 2018. A data base está garantida, assim como as condições do ACT 2017 até que sejam negociadas novas condições de trabalho.

Os representantes da empresa abriram a reunião informando as “dificuldades da empresa e a situação política e econômica” do País e entregaram a contra proposta da empresa à pauta que apresentamos propostas que ficam muito distante do que reivindicamos.

Além de não apresentar nenhuma proposta de reajuste salarial, a empresa também utiliza em sua proposta “vários artigos da reforma trabalhista de Temer e sua quadrilha”, para rebaixar direitos. Estamos estudando as propostas empresa para apresentar à categoria.

2018 já começou quente e grandes lutas se preparam. Em várias cidades do Brasil houve aumento nas tarifas do transporte e a juventude tem ido às ruas. No Brasil, ao contrário da propaganda do governo, a crise econômica continua se desenvolvendo e a saída para os capitalistas é aprofundar os ataques contra a classe trabalhadora. A agência de risco



Standard&Poor's reduziu, mais uma vez, a nota de crédito do Brasil e apresentou, dentre as razões para o aumento do risco em investir no País: a demora na aprovação de medidas de “equilíbrio fiscal”, o aumento da dívida pública e as incertezas sobre as eleições de 2018. Ou seja, é o mercado pressionando o governo e

os parlamentares para que acelere as medidas de ajuste fiscal, em especial a aprovação da Reforma da Previdência.

Já a classe trabalhadora sofre com o desemprego. A taxa oficial de 12%, além de alta, esconde a grande elevação do trabalho informal. A Reforma Trabalhista entrou em vigor em novembro, abrindo caminho para o aumento da exploração e da precarização das condições de trabalho. Os serviços públicos cada vez mais sucateados e os servidores sem reajuste, quando não estão com os salários atrasados. Violência e repressão policial nos bairros populares. Esse é o caldo que, somado à indignação massiva contra o sistema vigente, prepara uma situação convulsiva também no Brasil.

SEM MOBILIZAÇÃO E LUTA SEREMOS CADA VEZ MAIS EXPLORADOS

É neste cenário que estamos desenvolvendo nossa campanha salarial. Nossa categoria hoje não é tão grande como fomos há algum tempo. Porém, não perdemos nossa capacidade de lutar. Tudo o que conquistamos em anos de luta pode ser retirado, podemos voltar ao século XIX. Esta luta toda a classe trabalhadora terá que fazer, e nós os ferroviários teremos que em nossa casa fazer a nossa parte.

Organizar, mobilizar e lutar.



Não conduza trem em monocondução

A Juíza Ana Cláudia Pires Ferreira de Lima da Justiça do Trabalho de Bauru extinguiu o processo de 2007 que conta com duas perícias judiciais, de engenheiros distintos condenando e proibindo a monocondução na Malha Oeste. A decisão judicial é um exercício de confusão, onde a juíza confunde a Malha Oeste com a FERROBAN.

O sindicato orienta todos os maquinistas a não efetuarem a condução de trens em regime de monocondução, até que as “confusões da sentença” sejam esclarecidas. O departamento jurídico do Sindicato já está adotando todas as medidas para reverter esta decisão.



A condenação de Lula e as eleições em meio à crise política

A crise política é profunda. O governo Temer bate recordes de impopularidade, instituições e políticos desmoralizados, divisões na classe dominante. Uma nova ministra do trabalho, Cristiane Brasil, é nomeada pelo governo Temer, só que com o detalhe dela estar condenada em dois processos na justiça do trabalho. O judiciário tenta atenuar os efeitos vergonhosos dessa nomeação e impede sua posse, dando cobertura ao governo já afundado na lama.

O conjunto da situação política marcará as eleições deste ano. A crise se expressa na dificuldade da burguesia em definir o seu candidato. Alckmin é o nome mais cotado, mas não decola nas pesquisas. Henrique Meirelles, nome de agrado do mercado, sofre por ter sua imagem ligada ao

governo Temer. Bolsonaro, que não é o candidato preferido da burguesia, aparece como uma expressão distorcida e reacionária do rechaço ao sistema político. Bolsonaro é um candidato burguês, que deseja manter o sistema capitalista e a exploração sobre a classe trabalhadora.

Lula continua à frente nas pesquisas e a tendência é que estes indicadores aumentem após a farsa judicial que o condenou a 12 anos de prisão sem provas, mas isso não significa o retorno da confiança da classe operária no PT, e sim uma resposta contra a direita e, em determinadas parcelas, uma comparação pragmática entre o momento atual e os dois governos de Lula, quando, na realidade, a crise econômica não havia atingido em cheio o Brasil, o que permitia um fôlego para ilusões no reformismo.

A burguesia decidiu encerrar definitivamente a etapa da conciliação de classes. Por isso a condenação de Lula no dia 24/01/2018 sem nenhuma prova concreta, só baseada em convicções já era esperada. Pretende ela mesma assumir a dianteira e aplicar as medidas necessárias para salvar o sistema. A fase mais aguda dos ataques começou com a ação penal 470, passou pelo golpe institucional contra Dilma, e continua com a condenação de Lula.

A Lava Jato pretende realizar uma “faxina geral” que aparente uma renovação do sistema político, buscando salvar as instituições do descrédito e da ira popular. Essa operação tem claros objetivos políticos e econômicos burgueses e imperialistas. Posicionamo-nos desde o princípio contra a Lava Jato e seus ataques às liberdades democráticas, com shows midiáticos, abusos, acusações e condenações sem provas, abrindo caminho para o aprofundamento da criminalização dos movimentos sociais.

Repudiamos as condenações políticas da Lava Jato, como também repudiamos e denunciemos a farsa da condenação de Lula sem provas. Devemos sim neste cenário, defender seu direito de ser candidato. Isso não implica concordância com as políticas de conciliação de classe com a burguesia e o capital, e as alianças com partidos de direita para ganhar eleições.

A situação hoje desmonta de vez o mito da igualdade entre todos no tal “estado democrático de direito”. O estado existente hoje e todas suas instituições, é o estado do capital controlado pela burguesia, que quando vê seus interesses em perigo, se utiliza de todas suas instituições e dos métodos mais abomináveis sem nenhum escrúpulo como dizia Ricupero, para fazer valer seus interesses.